

CRÍTICA LITERÁRIA E CORDIALIDADE: WILSON MARTINS E MIGUEL SANCHES NETO

Vicentônio Regis do Nascimento SILVA*
Luiz Carlos Migliozi Ferreira de MELLO**

■ **RESUMO:** Este artigo tem por finalidade apresentar algumas hipóteses de como Wilson Martins – pensador de atividades amplas, que iam desde a História às Ciências Políticas, da Filosofia aos sistemas religiosos, destacando-se especialmente na Crítica Literária – ensaiou, já no fim da vida, estratégias de manutenção de seu legado intelectual, depositando suas esperanças nas relações de cordialidade com o escritor e também crítico literário Miguel Sanches Neto. Wilson Martins definia-se imparcial, por se distanciar das “igrejinhas literárias”; entretanto, recorreu às relações cordiais com a finalidade de não ser lançado ao esquecimento.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Cordialidade. Crítica literária. Wilson Martins.

A crítica literária contemporânea pauta-se predominantemente pelas correntes de análise imanente do texto. Embora os discursos se concentrem em tais correntes, críticas passionais – de amor ou de ódio – comumente nascem da lavra de teóricos, jornalistas ou professores universitários, inserindo-se, no caso brasileiro (e, em âmbito maior, no latino-americano), nas relações de cordialidade consolidadas e prolongadas na rotina acadêmica ou profissional. Até mesmo críticos literários como Wilson Martins – cuja carreira nasce no Brasil, constrói-se em universidade norte-americana e continua em nosso país, após a aposentadoria – mantêm discurso diferente da prática.

Os discursos do purismo analítico e o distanciamento das “igrejinhas literárias” – agremiações informais a partir das quais escritores, críticos literários, professores, editores e jornalistas atacam ou defendem interesses grupais ou individuais – caem por terra quando nos debruçamos sobre o capítulo inicial de *A crítica literária e os críticos criadores no Brasil* (2012a), em que, sem

* UEL – Universidade Estadual de Londrina – Programa de Pós-Graduação em Letras – Londrina – Paraná – Brasil. 86057-970 – vicrenos@yahoo.com.br.

** UEL – Universidade Estadual de Londrina – Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina – Programa de Pós-Graduação em Letras – Londrina – Paraná – Brasil. 86057-970 – lcmigliozi@gmail.com.

profundidade, mas alcançando sua finalidade exemplificativa, José Luiz Jobim examina práticas de Wilson Martins, o qual se proclama o último crítico literário de sua geração, analista que comprova seus pontos de vista por meio de longas citações, intelectual cuja independência se forja longe das “igrejinhas literárias” mencionadas anteriormente.

Tal independência diverge entre discurso e prática, criando a imagem de quem pairava acima dos interesses meramente humanos.

Note-se que, quando a imagem de “independente e rebelde” é associada a um crítico em particular, como foi recentemente o caso de Wilson Martins, ela só consegue se sustentar se ignorarmos uma faceta fundamental de sua carreira – sua relação institucional com a universidade e/ou com veículos de comunicação de massa (incluindo a administração cotidiana dos cânones e ritos institucionais vigentes em cada uma destas instituições).

Talvez a reputação de Wilson Martins tenha sido alimentada, entre outras coisas, por uma capacidade de ataques verbais bem articulados – que podem ter passado uma imagem de que ele não cederia à “cordialidade” no meio literário, à camaradagem dos elogios mútuos. Na sua publicação de 1954, Tristão de Athayde já havia verbalizado o perigo de que ele chamava de “camaradagem literária”: “A camaradagem literária, portanto, é o inimigo número 1 da crítica literária. Dela deriva o desprestígio em que esta tem caído”. (ATHAYDE, 1980, p. 152).

No entanto, Flora Sussekind, em seu “A crítica como papel de bala” (2010), questiona a suposta “não-cordialidade” atribuída a Wilson Martins, chamando a atenção tanto para “os não violentamente criticáveis por ele” quanto para “o que se resguarda, no seu caso, via antagonização” (SUSSEKIND, 2010, p. 3). (JOBIM, 2012a, p. 38).

Sem perder de vista os ensaios de Tristão de Athayde (1980) e de Flora Sussekind (JOBIM, 2012a) – separados, um do outro, por trinta anos, não apenas de reformulações teóricas, mas de mudanças econômicas, sociais, educacionais e, principalmente, tecnológicas – Jobim alia, ainda que superficialmente, a argumentação dos estudiosos à sua experiência de leitor especializado:

Se tiver valor um depoimento pessoal para corroborar essa linha de argumentação, lembro-me de, no passado, como leitor constante dos textos de Wilson Martins na grande imprensa, ter tido a impressão de que alguns colegas críticos dele, que militavam nos mesmos veículos em que ele escrevia, se incluíam entre estes “não violentamente criticáveis”. Recordo-me também de ter achado que havia uma certa regularidade nos elogios de Martins às publicações destes seus colegas

de crítica no jornal, mas confesso que nunca fiz nenhuma pesquisa extensiva na produção completa daquele crítico, para verificar se minhas impressões correspondiam ou não à realidade dos fatos. Minha memória deficiente também registra que o antagonismo dele, com uma virulência especial, teve como alvos no passado críticos que, então, representavam a introdução de certas concepções inovadoras sobre a crítica e sobre seus objetos, como Silviano Santiago e Luiz Costa Lima, por exemplo. Se considerarmos que este tipo de atuação de Wilson Martins corresponderia a um certo “conservadorismo”, por assim dizer, podemos vinculá-lo ao que diz Sussekind, ao mencionar a existência de colonistas populares e longevos em diversas áreas e meios de comunicação que, embora tenham uma imagem de cavaleiro solitário independente e rebelde, “... são figuras marcadas exatamente por um conservadorismo ativo que têm se mostrado legião e emprestado a respeitabilidade de nomes já feitos às páginas de entretenimento e opinião dos jornais” (SUSSEKIND, 2010, p. 3). (JOBIM, 2012a, p. 38-39).

A leitura de Jobim não se equivoca, se refletirmos especificamente sobre o ambiente em que a crítica e os críticos se inserem, um “[...] horizonte histórico em que uma anterioridade prévia dialoga com esta atribuição atual.” (JOBIM, 2012a, p. 11). A influência do meio social e as suas inerentes relações, na constituição e divulgação da obra artística, podem ser aplicadas à crítica literária, se observada a relevância tanto de fatores internos quanto externos (CANDIDO, 2000b, p. 67) da análise:

[...] qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Assim poderemos chegar mais perto de uma interpretação dialética, superando o caráter mecanicista das que geralmente predominam. Algumas das tendências mais vivas da estética moderna estão empenhadas em estudar como a obra de arte plasma o meio, cria o seu público e as suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências externas. (CANDIDO, 2000a, p. 18).

Nenhum crítico é absolutamente imparcial, pois se inclina aos valores sociais e visões de mundo em que se insere (JOBIM, 2012b, p. 147). Consequentemente, os parâmetros de valorização e de desvalorização constituem-se a partir desses valores sociais e visões de mundo, motivos pelos quais, desempenhando boa parte da crítica fora do Brasil, Wilson Martins também partilha das relações de cordialidade, especialmente nas últimas duas décadas de vida, quando estabelece convivência com o admirador Miguel Sanches Neto.

Se considerarmos as relações de cordialidade, mencionadas por Flora Sussekind e retomadas por José Luiz Jobim, como conceito amplamente divulgado pelo crítico literário e historiador Sergio Buarque de Holanda (1998), perceberemos a submissão ou complacência discreta ou explícita dos intelectuais aos anseios de grupos, destacando-se os que sobrevivem de maneira direta dos proventos públicos (MICELI, 2008, p. 207-246; p. 331-334). Logo, significativa parcela de ensaístas, cientistas, sociólogos, filósofos e escritores enrosca-se nos liames da cordialidade, estendidos à contemporaneidade.

A fleuma de Wilson Martins supera sua modéstia, sobretudo nas entrevistas – espalhadas na rede mundial de computadores – em que se declara o último crítico literário de sua geração (SEFFRIN, 2001, p. 18), ignorando ou minimizando, por exemplo, contemporâneos da expressividade de Fábio Lucas, Antonio Candido e Afrânio Coutinho. O autoenaltcimento justifica-se pelas poucas relações de cordialidade criadas no exercício da crítica literária, prejudicadas em boa parte pelo tempo ausente do Brasil – entre as vésperas do golpe militar e as turbulências iniciais de governo do primeiro presidente eleito popularmente, após a redemocratização (1962-1991), pesquisa e leciona em universidade nos Estados Unidos. Frise-se: as relações cordiais são prejudicadas, mas existem.

Conhecido no meio intelectual, tanto universitário quanto em grupos formais ou informais, por que Wilson Martins não integra a bibliografia acadêmica, à semelhança de outros colegas? Por que foi esquecido? Quais os entraves entre esquecimento e memória?

Retomando a percepção de Jobim sobre as relações de cordialidade no crítico literário, observa-se que o crítico usufruía delas, especialmente nos jornais, suporte em que, nas primeiras verificações, construiu fama, mas na esfera acadêmica, onde seus estudos minguavam das referências bibliográficas, precisava criá-las. A cordialidade – sistema dual de préstimos e retribuições – aproveita a oportunidade oferecida por Miguel Sanches Neto, escritor e crítico literário oriundo da região de Campo Mourão (PR). Técnico agrícola de formação, apaixona-se pela Literatura, a ela dedicando-se em cursos de graduação e pós-graduação *stricto sensu*. Além da proximidade com Wilson Martins, durante suas “temporadas curitibanas”, entabula relações com Dalton Trevisan.

As relações entre Miguel Sanches Neto e Wilson Martins – assim como as com Dalton Trevisan – despem-se da formalidade, assumindo caráter de discipulado, baseado na alternância de préstimos e retribuições. O período de discipulado ocorre provavelmente em meados da década de 1990, quando, por ocasião da aposentadoria, Wilson Martins volta a residir em Curitiba, período da primeira parte de discipulado/cordialidade: o préstimo. O pós-graduando Miguel Sanches Neto recebe ensinamentos, moldando sua percepção de pesquisador e leitor.

Como acontece a retribuição? Em resposta a Dalton Trevisan, em artigos publicados em revistas científicas, resenhas lançadas em jornais de grande

circulação e livros brindados com selos de editoras universitárias – atestando menos o perfil comercial do que a qualidade do trabalho do analista e do analisado – como as da Universidade Estadual de Ponta Grossa e Universidade Federal do Paraná, indicadas nas referências bibliográficas.

Diferentemente de Dalton Trevisan, cujas estreias ocupam as páginas da imprensa nacional e as discussões científicas, Wilson Martins precisa escapar dos calabouços do esquecimento. Miguel Sanches Neto articula o resgate de seu mentor, ação que dividimos em dois momentos: 1) **Mão na massa**; 2) **Festa de quinze anos**.

Mão na massa concentra o trabalho arqueológico: escavar, detectar, procurar, limpar, selecionar, reunir, sistematizar e dar publicidade aos objetos encontrados. Quem executa trabalho sobre Rui Barbosa dispõe de mais fontes de pesquisa – livros, artigos, biografias, grupos de pesquisa e de trabalho, tanto na área do Direito quanto na das Ciências Políticas, Filosofia e Historiografia – do que sobre Clovis Bevilacqua. Diante de farto material em torno de Alfredo Bosi, Antonio Candido ou Silviano Santiago, a pesquisa restringe-se geralmente ao campo bibliográfico.

Já no caso de Wilson Martins – semelhante ao de Fábio Lucas – mostra-se indispensável a intervenção arqueológica, comprovada na bibliografia de *Wilson Martins* (1997), oitavo número da série Paranaenses. Nesse volume – em que não é apenas o organizador, mas também o resenhista, o historiador, o ensaísta e o entrevistador do homenageado – Miguel Sanches Neto ocupa praticamente um terço da bibliografia específica, publicada em jornal de Curitiba, resultado de seus esforços arqueológicos. Onde estariam os demais trabalhos específicos, acadêmicos e contemporâneos sobre Wilson Martins?

As escolhas arqueológicas não se restringem aos textos do discípulo, porém, também constituem *corpus* selecionado – toda constituição de material de pesquisa seleciona consciente ou inconscientemente vestígios a serem apagados ou festejados – sobre o qual eventuais pesquisadores se debruçarão, assimilando as marcas do organizador (MARTHA, 2011, p. 190).

Outra maneira de retribuição do discípulo acontece na segunda fase, a que denominamos **Festa de quinze anos**, representada pela publicação de *Mestre da Crítica* (2001), edição comemorativa dos oitenta anos de idade do professor emérito da Universidade de Nova Iorque. O volume – fruto da parceria da Imprensa Oficial do Paraná e da editora Topbooks – privilegia a pompa em que se exhibe diversidade de legitimações de depoentes, entre os quais Luiz Antônio de Assis Brasil, Moacyr Scliar, Josué Montello, Affonso Romano de Sant’Anna, Antonio Candido e Antonio Carlos Secchin, intelectuais de visibilidade nacional.

Surge a curiosidade: qual a contribuição de Miguel Sanches Neto no volume da edição comemorativa? Ele não a organiza, não assina artigos, não promove entrevistas, não resenha obra, nem arregimenta pontos curiosos da historiografia literária. Na **Festa de quinze anos**, ele é o dono da comemoração: não precisa

do trabalho arqueológico nem de colocar a mão na massa, pois sua retribuição – lembrando a relação de préstimos e retribuições do discipulado/cordialidade – exterioriza-se na produção do livro pela Imprensa Oficial do Paraná, órgão de que é diretor, entre 1999 e 2002.

Inicialmente, pode parecer exagero, mas rápida pesquisa demonstra que o principal (senão o único) presente de aniversário de oitenta anos de Wilson Martins é *Mestre da crítica*, em que seu talento e seu trabalho são reconhecidos e, em segundo plano, reverenciados. Em 2010, ano da morte do crítico literário, a editora UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa) reedita os sete volumes de *História da Inteligência Brasileira* (2010), dando ao público obra até então fragmentária e dificultosamente encontrada em sebos e lojas de livros usados na internet. A publicação pela editora universitária se deve, em grande parte e mais uma vez, à intervenção do discípulo Miguel Sanches Neto, institucionalmente alocado no cargo de Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Culturais daquela instituição de ensino superior.

Sem intuito de comparar, mas de estabelecer parâmetros do esquecimento de Wilson Martins – e, se não esquecimento, pelo menos questionar sua pouca inserção na universidade brasileira – recorre-se à figura de Antonio Candido, outro crítico literário que se consolidou na memória coletiva, em função do sistema educacional (JOBIM, 2012a, p. 17) e da atuação política. Como morava nos Estados Unidos, poucas e frouxas eram as relações de cordialidade de Wilson Martins no Brasil, situação diferente de Antonio Candido, cujos laços, já que residia em São Paulo (a mais populosa, a mais cosmopolita e a mais importante cidade brasileira), mostravam-se intensos e diversificados.

Partindo do pressuposto da qualidade das obras de ambos e da relevância delas, na compreensão da identidade brasileira, a universidade e o posicionamento político são dois fatores que podem explicar parcialmente a ascensão de um e o ostracismo de outro. Quando abordamos a universidade, verificamos ser ela o “sistema educacional” cuja função básica é formar professores do ensino fundamental e médio, “[...] professores são multiplicadores” (JOBIM, 2012a, p. 17). Multiplicadores de informações (re)produzidas pelos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) instalados na universidade, no modelo semelhante à estrutura da Igreja.

Um rápido exame da lista dos AIE nos mostra que a crítica literária se exerce no âmbito de três deles: AIE escolar (ensino da literatura), AIE de informação (crítica jornalística, programas literários da televisão, filmes sobre escritores), AIE cultural (crítica publicada em livro).

[...]

Tendo substituído a Igreja como sede de difusão ideológica, a escola leiga mantém, em todos os graus, uma certa religiosidade destinada a assegurar a manutenção de certa economia.

A pedagogia literária visa conduzir os alunos (neófitos) aos mistérios da criação literária (dogmas), através da explicação de textos (hermenêutica); esses textos são as obras-primas (livros sagrados) transcritas, sob o ditado da inspiração (divina), pelos gênios da literatura (profetas).

Note-se que aquilo que se chama de “renovação do ensino da literatura” nem sempre, ou quase nunca, escapa do sistema de AIE escolar. Os “novos métodos”, na maioria das vezes, mantêm os mesmos pressupostos ideológicos, transformando-se, mesmo, num meio mais atraente de os transmitir.

A crítica literária exercida no sistema escolar é, acima de tudo, uma crítica de integração social (portanto nada crítica). (PERRONE-MOISÉS, 1993, p. 24).

Concordamos com o argumento de Jobim de que professores são multiplicadores, saídos do sistema universitário – “[...] complexo sistema de divulgação, legitimação e negação dos gostos” (JOBIM, 2012b, p.147) –, mas que não são indispensavelmente detentores de conhecimento profundo, abrangente e atualizado. Na maioria das vezes, assim como na comparação entre Igreja e sistema escolar, feita por Leyla Perrone-Moisés e transcrita acima, limitam-se a mera propagação de seleções ou de conteúdos programáticos, transmitindo – sem reflexões e novas roupagens – ensinamentos cristalizados, adquiridos anos atrás – talvez décadas – nos bancos universitários, reforçando os mecanismos seletivos da memória.

Considerando a questão ideológica na universidade brasileira, adentramos no segundo fator – posicionamento político – ainda trabalhando com os mecanismos de esquecimento, no contexto da ditadura militar: tanto Martins quanto Candido, profissionais conhecidos, reconhecidos e maduros, caminham do meio para o fim das carreiras acadêmicas.

Em um mundo às voltas com as aflições da Guerra Fria, atuar em defesa das liberdades individuais e públicas, especialmente integrando – formal ou implicitamente – os quadros de esquerda resulta na aquisição de poder simbólico, modificando o *status* do intelectual.

Durante o período militar, Antonio Candido leciona na Universidade de São Paulo (USP), declara-se abertamente socialista, posicionando-se contra os rumos dos governos militares, atuando no centro dos conflitos sociais, próximo das articulações políticas relevantes no maior centro urbano e industrial do país, divulgando suas ideias e percepções em jornais de circulação nacional.

Já Wilson Martins, isolado numa cátedra em Nova Iorque, antes e depois do regime autoritário (transfere-se aos Estados Unidos em 1962, sai de lá em 1991),

aparentemente apaga qualquer imagem de intelectual voltado aos problemas políticos: integra a direita ou a esquerda? Contra ou a favor do regime autoritário? Apoiar as ações contra a falta de liberdades individuais? Ratifica as greves dos trabalhadores? Defende os direitos humanos? Subscrive manifestos pedagógicos ou em prol de professores?

Tanto a universidade (pela sacração de obras, autores e contextos) quanto o posicionamento político influenciam o esquecimento de Wilson Martins, hoje eventualmente lembrado em notas de pé de página ou comentários passageiros. A construção de carreira acadêmica no exterior impossibilita relações mais intensas das quais usufrui Antonio Candido, cujos discípulos (diretos ou indiretos) ocupam postos nas universidades públicas, locais (quase únicos) de pesquisas científicas, divulgando, legitimando e negando gostos no “complexo sistema educacional” cujos docentes propagam sua obra, dando subsídios à formação de futuros professores de ensino médio e fundamental, que, diferentemente dos pesquisadores do ensino superior, assumem os papéis de multiplicadores, garantindo “religiosamente” a reprodução de conceitos, de posicionamentos e de silêncios.

Depois de consagrada carreira acadêmica e de crítica literária, Wilson Martins retorna ao Brasil sem inserção no sistema universitário e sem influência sobre professores multiplicadores. As relações cordiais implicam a sobrevivência intelectual, pelo menos em âmbito acadêmico, já que continua a militância em jornal nacional (permanece em *O Globo*, até 2001, quando, juntamente com Affonso Romano de Sant’Anna, entra na lista de cortes de “gastos”) e regional (até vésperas da morte, assina regularmente coluna no curitibano *Gazeta do Povo*). Agarra-se ao discípulo, concedendo-lhe préstimos (ensinamentos), obtendo retribuições (aquele organizara e publicara estudos sobre seu trabalho crítico) e, nos últimos anos de vida, retribuindo a gentileza: reconhece publicamente a excepcional qualidade da crítica literária de Miguel Sanches Neto – até então, minimizara críticos contemporâneos e das gerações posteriores. O discípulo continua retribuindo: em resenha acadêmica recente (SANCHES NETO, 2012), retoma reflexões de Wilson Martins para dialogar com o livro analisado.

Em nenhum momento se analisa a obra de Wilson Martins ou a de Miguel Sanches, situando-as, julgando-as ou dando-lhes veredicto, mas nos parece que, sem filhos e sem herdeiros intelectuais que mantenham, propaguem, legitimem e defendam seu legado, o mestre da crítica constrói frutífera relação de cordialidade, encontrando no admirador o meio de permanecer nas páginas acadêmicas e jornalísticas por onde corre a pena do aprendiz.

A cordialidade plantada resultou em frutos: falando-se eventualmente de Wilson Martins – ocasião de seu falecimento – Miguel Sanches Neto é o único – e, quando em conjunto com outros intelectuais, o mais destacado – a traçar com autoridade a trajetória do crítico literário, avançando um passo de retribuição da cordialidade, soprando o fogo da memória do mentor, até mesmo nas pequenas

coisas, como texto jornalístico ou científico. Um mentor que, diga-se de passagem, o incluía no grupo dos “não violentamente criticáveis”.

SILVA, V. R. N.; MELLO, L. C. M. F. Literary criticism and cordiality: Wilson Martins and Miguel Sanches Neto. **Itinerários**, Araraquara, n. especial, p. 151-160, 2017.

■ **ABSTRACT:** *This article intends to show some hypothesis on how Wilson Martins – a broad thinker who studied History, Political Sciences, Philosophy and religious systems and whose highlight thoughts were on Literary Criticism – tried, at the end of his life, to maintain his intellectual legacy. Martins considered himself impartial, and would not get involved in “literary cliques”; even so, he turned to a cordial relationship with Miguel Sanches Neto, who was also a writer and a literary critic, aiming at not being condemned to oblivion.*

■ **KEYWORDS:** *Cordiality. Literary criticism. Wilson Martins.*

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. A literatura e a vida social. In: _____. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000a. p. 17-36.

_____. O escritor e o público. In: _____. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000b. p. 67-82.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JOBIM, J. L. A crítica literária contemporânea: entre o contingente e o histórico. In: _____. **A crítica literária e os críticos criadores no Brasil**. Rio de Janeiro: Caetés, 2012a. p. 9-51.

_____. Crítica literária: questões e perspectivas. **Itinerários**, Araraquara, n.35, p. 145-157, jul./dez. 2012b.

MARTHA, A. Á. P. **Leituras na prisão**. Maringá: EDUEM, 2011.

MARTINS, W. **História da inteligência brasileira**. Ponta Grossa: EDUEPG, 2010, vol. I.

_____. **História da inteligência brasileira**. Ponta Grossa: EDUEPG, 2010, vol. II.

_____. **História da inteligência brasileira**. Ponta Grossa: EDUEPG, 2010, vol. III.

_____. **História da inteligência brasileira**. Ponta Grossa: EDUEPG, 2010, vol. IV.

_____. **História da inteligência brasileira**. Ponta Grossa: EDUEPG, 2010, vol. V.

_____. **História da inteligência brasileira**. Ponta Grossa: EDUEPG, 2010, vol. VI.

_____. **História da inteligência brasileira**. Ponta Grossa: EDUEPG, 2010, vol. VII.

MICELI, S. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PERRONE-MOISÉS, L. O lugar crítico. In: _____. **Texto, Crítica, Escritura**. São Paulo: Ática, 1993. p. 15-34.

SANCHES NETO, M. (Org.). **Wilson Martins**. Curitiba: Editora UFPR, 1997. (Série Paranaenses, 8).

_____. Crítica como espaço entre identidades. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, p. 314-322, jul./dez. 2012.

SEFFRIN, A. (Org.). **Mestre da crítica**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná; Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

